

MUSEU HISTÓRICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA INTERFACE ENTRE MUSEOLOGIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CITY MUSEUM OF RIO DE JANEIRO: AN INTERFACE BETWEEN MUSEOLOGY AND PROFESSIONAL TRAINING

Helena Cunha de Uzeda¹

Resumo

Em pleno período das comemorações dos 450 Anos do Rio, o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, localizado no Parque da Cidade, na Gávea, área de proteção ambiental, completou seus 80 anos fechado ao público. A criação de um projeto de extensão, fruto do convênio estabelecido entre a Escola de Museologia da UNIRIO e a Prefeitura do Rio de Janeiro, foi a solução encontrada para a realização do inventário do acervo do MHC RJ, já que a instituição não contava com profissionais qualificados para a realização da tarefa. O trabalho foi realizado por vinte e cinco discentes de museologia, que se revezaram à frente do trabalho durante os três anos de duração do projeto, inventariando os cerca de 20 mil itens do acervo do museu, higienizando-os, acondicionando-os, realizando seus registros fotográficos e atualizando suas fichas catalográficas. A experiência foi enriquecedora para os estagiários que puderam exercitar as competências desenvolvidas no curso de graduação. Por outra parte, o MHC RJ se beneficiou, contando com auxílio capacitado dos discentes, sob a supervisão de uma museóloga contratada. Esse artigo relata a atuação desse projeto de extensão, uma troca profícua que qualifica a participação acadêmica em resposta a demandas da sociedade, tendo essa ação colaborado para que o MHC RJ venha a reabrir suas portas no próximo ano.

Palavras-chave: museu de cidade, museografia, extensão universitária

Abstract

In the middle of the period of the celebrations of the 450 anniversary of Rio, the Historical Museum of the City of Rio de Janeiro, located in the City Park, in Gávea, environmental protection area, completed its 80 years closed to the public and without museums conservators on their staff. The creation of an extension project, due to the agreement established between UNIRIO Museology School and the Rio de Janeiro City Hall, was the solution found for the realization of the catalogue of the MHC RJ collection, since the institution did not have professionals qualified to perform the task. The work of the twenty five students of museology that took turns on the task during the three years which had lasted the inventory of about 20 thousand items from the museum's collection. They was all sanitizing, conditioning, photographing and updating their catalog cards. The experience was enriching for trainees who could exercise the skills they have developed in the course of undergraduation. On the other hand, the MHC RJ has also benefited from the aid of students trained under the supervision of a museologist. This action shows a fruitful exchange that qualifies the participation of extension projects in response to demands of society. This action has contributed to the MHC RJ reopen its doors next year.

Keywords: City Museum, museology, university extension

A importância contemporânea dos Museus de Cidade

O vertiginoso crescimento populacional dos centros urbanos, potencializado pela aceleração tecnológica e pela irradiação comunicacional, vem colocando as cidades como palco privilegiado para a representação dos diferentes movimentos que redemoinham como vórtices culturais em torno do tecido urbano, formatando seus espaços físicos e simbólicos. Se para o crítico de arquitetura e design, Raul Barreneche, o século 21 apresenta-se como a “Idade de Ouro dos Museus” (2005, p. 6), para o historiador Chet Orloff, esse século “deve ser o momento dos museus de cidade” (2010, p. 27). Atualmente, diversos museus de cidade pela Europa e América do Norte buscam encontrar um novo modelo para a interpretação das histórias urbanas, por meio de uma comunicação e interpretação atualizadas de seus acervos. Esses esforços merecem uma atenção especial do campo da museologia, principalmente quando os habitantes mostram-se tão envolvidos nos problemas de suas cidades, problemas não exatamente novos, mas que para o senso comum parecem desconectados de nosso passado. A história da cidade, de suas dificuldades e das tentativas de solucioná-las configura-se como um processo contínuo que precisa ser acompanhado, documentado e compreendido.

O conceito da tipologia de museu de cidade diz respeito a instituições localizadas em grandes áreas metropolitanas que têm como missão coletar, interpretar e reinterpretar a história e seus processos culturais urbanos. No ano de 2007, dados sobre a população mundial publicados pelo *Population Reference Bureau*² mostram que, pela primeira vez, mais da metade da população mundial localizam-se nos centros urbanos, sendo previsto que duas em cada três pessoas venham habitar as grandes cidades até o ano de 2030. Essas aglomerações humanas qualificam-se como epicentros dos tremores e temores sociais, em suas revoluções e dissoluções sistêmicas, colocando-se como laboratórios para os novos desafios e também para tentativas de responder às transformações. Ainda que tais mudanças céleres e dramáticas afetem o mundo como um todo são as grandes cidades que as sentem primeiramente, exigindo de seus habitantes e transitantes uma capacidade de adaptação a seus espaços e diferentes percepções. E se as cidades nunca são as mesmas, reféns que são desse fluxo contínuo transformador, como os museus de cidade poderão representá-las? Utilizando diferentes abordagens para interpretação das realidades da história urbana, os museus de cidade podem ligar-se diretamente ao que está acontecendo no tecido cultural urbano, unindo pesquisas documentais sobre o passado a investigações das demandas das comunidades no presente. O objetivo institucional deve ser aperfeiçoar a função do Museu em sua busca por reinterpretações constantes, construindo, reconstruindo e resignificando o imaginário da cidade. O desenvolvimento de projetos de criação colaborativa, que agreguem nesse processo o conhecimento dos próprios habitantes, representa um instrumento importante para que haja um sentido de pertencimento em relação à memória urbana e ao reconhecimento das memórias individuais como parte da história da cidade.

Em 1985, o Professor Ulpiano Bezerra de Menezes³, propunha a criação de um museu para cidade de São Paulo, admirando-se pelo fato de esta, com seus quatro séculos de existência, não possuir um museu que a representasse (MENESES, 1985, p. 197). Meio século antes do artigo citado, em 1934, o Rio de Janeiro já criara oficialmente um museu histórico para o Rio. Cabe aqui uma reflexão a respeito da dicotomia que parece estar sendo construída, ainda que involuntariamente, entre patrimônio material e patrimônio imaterial. Ainda que as manifestações imateriais – privilegiando saberes e fazeres – venham tendo grande destaque nos últimos anos preocupa certa desconexão consentida entre objeto e interpretação da memória. Notadamente, as propostas de requalificação das cidades têm conferido grande preocupação com a arquitetura icônica dos museus sem que dedicar atenção em igual dimensão aos acervos que esses prédios abrigarão e que ali deverão ser conservados, interpretados e expostos. Considerando que a imaterialidade só consegue se expressar de forma eficaz ao público por meio de uma materialidade, corporificadora de seus símbolos, é oportuno lembrar a visão de Ulpiano Bezerra de Menezes: “Impõe-se... superar dualismos insustentáveis como esse em que matéria e espírito são mutuamente excludentes” (MENESES, 2009, p. 32). A preocupação com a manutenção de um conjunto de bens, ainda que reunidos a partir de lógica e valores específicos a uma época, é importante para evocar memórias que, preservadas, poderão ser reinterpretadas e resignificadas.

Em 2011, a Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro foi convidada a participar de um convênio estabelecido entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Subsecretaria do Patrimônio Cultural, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design, da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. O objetivo era a realização de um inventário dos cerca de 20 mil itens do acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, parte deles oriunda da FUNARJ. Instalado no bairro da Gávea, dentro do Parque da Cidade, área de proteção ambiental, o MHC RJ está fechado ao público há mais de uma década, não contando com pessoal qualificado em seus quadros para realizar a tarefa. A elaboração de um projeto de Extensão Universitária, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO foi realizada com o propósito de responder a essa demanda urgente do MHC RJ e que se revelaria muito interessante também para a capacitação prática dos graduandos de museologia.

O formato desse convênio estruturou-se de forma que o transporte diário dos dez discentes de museologia até o MHC RJ fosse provido pelo Departamento de Transportes da UNIRIO, ficando a Secretaria Municipal do Rio responsável pelo pagamento dos discentes, na condição de estagiários da Prefeitura. O acompanhamento diário dos trabalhos, assim como a orientação técnica dos discentes envolvidos no projeto ficaram a cargo da museóloga Márcia Nascimento, que já atuara anteriormente no MHC RJ, estando familiarizada com o Museu e seu acervo. A simples ideia de conferir a existência de peças tão representativas, como fora solicitado inicialmente, parecia ser insuficiente. A oportunidade única de promover higienização e acondicionamento adequados, registrando fotograficamente as imagens do acervo parecia fundamental. Além disso, as orientações que regulamentam o estágio de estudantes⁴ acentua o caráter, formativo

e ético, que deve acompanhar os trabalhos dos discentes. Como ter nas mãos peças que mostravam necessidade de higienização e de renovação de suas embalagens, que nunca haviam sido fotografadas ou tido suas fichas revisadas, e simplesmente conferir sua existência e retorná-las às embalagens antigas e às prateleiras empoeiradas. Assim, a coordenação do projeto com a aprovação da museóloga Márcia e da direção do MHC RJ decidiu que todas as peças passariam por higienização, passariam por novos acondicionamentos e registros fotográficos, assim como contariam com fichas atualizadas. Como professora de museologia e coordenadora do projeto de inventário do acervo do MHC RJ deparei-me com o dilema ético de conseguir justificar junto aos estudantes de museologia, o fato de um museu daquela relevância estar fechado e sem museólogos em seus quadros. Como entender que novos museus municipais estivessem em construção na região da Praça Mauá – Museu de Arte do Rio/MAR e Museu do Amanhã – enquanto o Museu Histórico da Cidade completava seus 80 anos fora do circuito cultural, sem nenhuma comemoração e esquecido do público?

O projeto foi elaborado pela coordenadora (**nome da autora**), que organizou um cronograma de atividades, considerando um período de trabalho anual e o número de discentes de museologia envolvidos, o que perfaria cerca de 240 dias úteis. Pretendia-se inventariar, aproximadamente, 20.000 peças, com uma carga de 240 peças a ser catalogadas por dia, tarefa distribuída pelos 10 (dez) alunos selecionados, resultando num total de 9 (nove) peças diárias para verificação (quadro 1).

Coleção	Cálculo de Carga / ano	Cronograma p/ semana
Total de objetos	20.000	5 dias /semana = 5 x 9 = 45 itens semanais
Total de objetos p/ dia	$20.000 \div 240 \text{ dias úteis} = 84 *$	
Total de objetos p/ dia = por estagiário	$84 \div 10 = 9 *$	
* por aproximação de décimos		

Quadro 1 – Cronograma de trabalho para o ano de 2011.

Essa média de nove peças inventariadas por cada um dos dez estagiários, que parecia alcançável mostrou-se de difícil cumprimento diante das dificuldades encontradas. Entre elas, a localização das peças, algumas muito semelhantes entre si e cujas descrições constantes nas fichas mostravam-se insuficientes para que as peças fossem identificadas com segurança e rapidamente. Não estavam assinalados nas fichas, também, os locais onde cada peça poderia ser encontrada – nas galerias do museu ou na reserva técnica –, o que ampliou o tempo inicialmente imaginado para que a totalidade do acervo fosse inventariada ao longo do ano. Outro contratempo foi a diminuição ocorrida, com o passar do tempo, no número de estagiários mantidos pela Prefeitura, fazendo necessário uma reestruturação do cronograma de trabalho e, conseqüente, na revisão dos prazos. Dessa forma, a tarefa acabou levando três anos para sua conclusão, período em que os 25 graduandos de museologia que se revezaram à frente do trabalho ao longo de todo

esse período, higienizaram, fotografaram, reacondicionaram e catalogaram as cerca de 20 mil peças do MHC RJ.



Figura 1 – Alguns dos alunos de museologia trabalhando com o acervo no anexo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, na Gávea.

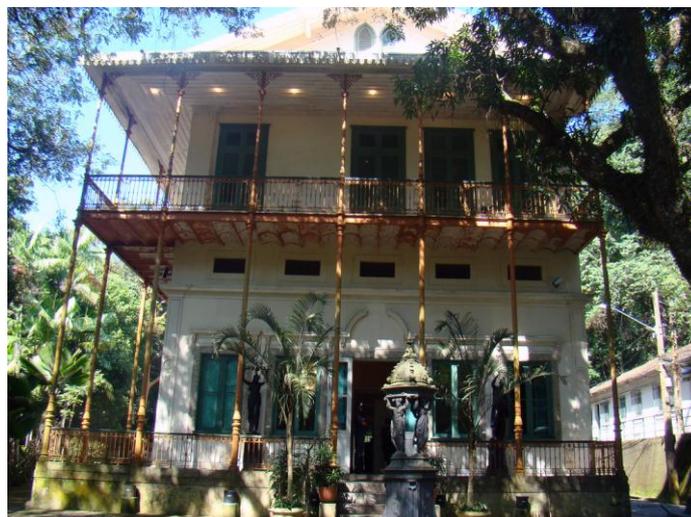


Figura 2 – Solar do Museu da Cidade do Rio de Janeiro, no Parque da Gávea.

Durante o processo, foram verificadas, na primeira fase, as categorias de gravuras (catalogadas como Estampa) e desenho (Artes Visuais) – todas elas recebendo novo número de inventário, novo acondicionamento e ficha de catalogação atualizada com imagem do objeto – sendo inventariadas, então, 1.334 obras em papel. Após a conclusão da conferência desse material, o trabalho se dirigiu às coleções do museu que contavam com peças de maior volumetria. O

processo de conferência envolvia: localizar cada obra no interior do MHC RJ; separar as antigas fichas catalográficas nos arquivos permanentes; conferir dados e informações existentes, no levantamento de bens datados de 1995 e em outros instrumentos de pesquisa; registrar as condições de conservação de cada peça; preencher a nova ficha, colocando seu novo número de patrimônio FUNARJ⁵, bem como os números anteriores pertencentes às peças, alimentando esses dados na plataforma digital do museu.

Itens de maior volumetria			
Coleções	Nº de itens	Nº de estagiários	Itens por estagiário
Pintura	366	7	53
Mobiliário	89	7	13
Viatura	4		4
Escultura	145	7	21
Armaria	225	7	32
Total	829	7	

Quadro 2 – Inventário dos trabalhos de maior volumetria do MHC RJ

Nas etapas subsequentes, os itens foram separados em função de suas quantidades e especificidades. Calculou-se o tempo provável que seria gasto na conferência das peças, levando em conta o tempo destinado para a localização e o deslocamento de cada tipo de acervo até a sala do prédio anexo ao museu, onde os trabalhos eram realizados, tendo como base a quantidade de estagiários envolvidos. Cada estagiário seguia o cronograma, tentando realizar a carga estipulada e, de posse das fichas preenchidas, alimentava as planilhas digitais que haviam sido organizadas e que contavam com os seguintes campos: número de ordem, número de patrimônio, número de coleção, nome de obra, autor, localização da peça no museu, estado de conservação, nome do estagiário que a inventariou, data do preenchimento da ficha e observações. Essa planilha fazia parte dos relatórios produzidos e entregues à Secretaria da Prefeitura do Rio e à Direção do MHC RJ.

itens de menor volumetria				
Coleções	nº de itens	nº de estagiários	Itens por estagiário	Tempo de execução

Faixa e Flâmula	66	07	10	03 dias
Bandeira	46	07	07	06 dias
Indumentária	169	07	25	04 dias
Instrumento de engenharia e Inst. Farmacêutico	193	07	28	04 dias
Instrumento Musical	04	01	01	01 dia
Heráldica	38	07	06	01 dia
Medalha	685	07	98	10 dias
Moeda	410	07	58	08 dias
Numismática	327	07	47	07 dias
Ordens Honoríficas	07	01	07	02 dias
Armadura	01	01	01	01 dia
Livros	560	07	80	10 dias
Total	2.506 objetos	07	57 dias	

A realização desse projeto permitiu aos discentes de museologia a oportunidade de exercitar competências adquiridas durante o curso de graduação e, como estagiários da Prefeitura do Rio, permitiu que fosse suprida a carência de pessoal qualificado para lidar com um acervo tão significativo para a memória da cidade. Em meio a objetos históricos – fotografias de Marc Ferrez e de Augusto Malta, aquarelas com paisagens de viajantes estrangeiros, mapas com os primeiros contornos da cidade, registros dos costumes, da cultura dos habitantes e do desenvolvimento urbano – o trabalho realizou uma tarefa árdua, mas fascinante, de conservação de parte da memória da cidade em seus espíritos e humores. Todo esse acervo esquecido e afastado dos olhos de todos – e que se mantém ainda no silêncio de mapotecas, trainéis e estantes – forma um rico mosaico de quem fomos, de quem nos tornamos e pode assinalar caminhos a serem trilhados no futuro.

Os projetos de extensão possuem a característica de tentar abreviar a trajetória que leva os conhecimentos desenvolvidos nas universidades até a introdução de sua prática na sociedade. Nesse contato direto e profícuo dos saberes universitários com os fazeres de diferentes áreas da sociedade todos se beneficiam e se engrandecem. No caso do Museu da Cidade, sem os graduandos de museologia não teria sido possível inventariar as 20 mil peças do acervo, preparando a instituição para sua reabertura. No caso dos discentes de museologia, a oportunidade de trabalhar diretamente com um acervo tão rico serviu como

exercício valioso de competências práticas. Acima de tudo permitiu uma maior conscientização sobre a importância de garantir a conservação para que possa haver pesquisa e interpretação dos acervos, visando expô-lo de modo instigante e educativo, pontos fundamentais para o campo museológico.

As cidades precisam de um local capaz de contar as histórias de seus habitantes, de seus cenários e imaginários, da mesma forma como os indivíduos procuram guardar suas próprias memórias. Não como meros repositórios do passado, mas como um espaço vibrante e emocionante, onde patrimônios material e imaterial funcionem como reafirmadores da identidade e do espírito da cidade.

Referências

BARRENECHE, R. A. *New museums*. New York: Phaidon, 2005.

ORLOFF, Chet. "Museums of Cities and the Future of Cities". In: JONES, I., MACDONALD, R.R., MCINTYRE-LANHAM, D. *City Museums and City Development* (ed): Altamira Press, 2010.

MENESES, U.B. O Museu na Cidade X a Cidade no Museu. São Paulo, v. 5, nº 8-9, p. 197-205, set. 1984/abr 1985.

MENESES, U.B. O Campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: I FÓRUM NACIONAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL DESAFIOS, Estratégias e Experiências para uma Nova Gestão, Vol. 1, 2009, Ouro Preto *Anais...* Brasília, DF: IPHAN, 2012.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. *Thesaurus Para Acervos Museológicos*. Rio de Janeiro: FNPM, 1987.2v.

FERREZ, Helena Dodd; SANTOS, Maria Elizabete P. *Manual de Catalogação*. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1995.

Notas

¹ **Dados da autora.**

² Department of Economic and Social Affairs. Population Division). Disponível em: <<http://esa.un.org/unpd/wup/>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

³ Professor Emérito da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paul, docente do programa de Pós-Graduação em História Social, Licenciado em Letras Clássicas (USP, 1959), Bezerra de Menezes é Doutor em Arqueologia Clássica pela Sorbonne, tendo dirigido o Museu Paulista/USP entre 1989 e 1994.

⁴ BRASIL, Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídico. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111788.htm> Acesso em: 10-03-2016.

⁵ Após a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, em 1974, parte do patrimônio estadual passou a formar a coleção do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (MHC RJ).